

Histórias que a vida escreve:



# Ainda O Disco Voador

MALU RODRIGUES



Entre as histórias que estão acontecendo — uma sobretudo, muito séria — escolho a menos sujeita a chavas e trovoadas, já que o tempo está quente, a juventude está cantando feia e forte e, quem dizia o meu venerando avô Rafael Rodrigues — "quem tem rabo tem medo".

O negócio é o seguinte: sérões extraterrestres controlam a terra há milhares de anos, segundo afirmação, numa conferência realizada na Associação Cristã de Moços de Buenos Aires, sob os auspícios da Universidade John F. Kennedy.

O orador principal da reunião, Pedro Romanik, um pesquisador particular, acrescentou:

— A esta altura dos acontecimentos é inútil continuar negando a existência das naves espaciais extraterrestres.

Revelou ainda que nos Estados Unidos, a Força Aérea empenha-se em manter secreta a captura de um disco voador caído no deserto do Novo México.

No interior da nave, construída com materiais indescritíveis, foram encontrados os cadáveres de seis tripulantes parecidos aos terrestres, embora menores. Acrecentou que levavam pilulas, supondo-se que eram alimento. Quanto à astronave, era impelida por energia atômica.

Concluiu: — "Nunca se comprovou em nível científico algum indício de agressividade ou maldade provocado por estes sérões".

Trocando em miúdos, quer dizer o seguinte: os discos existem mesmo, a gente está sendo observada só de cima, os "invasores" não estão brincando em serviço.

Agora, a bomba:  
Vocês podem não acreditar. Eu estou com

a coisa entalada na minha garganta, mas não resisto à tentação de dizer, na certeza de correr todos os riscos, inclusive de passar por débil mental.

Mas, dane-se.

Os discos existem mesmo.

E EU VI UM HA DUAS SEMANAS ATÉ IS!

Conto logo, para ficar livre do que está me sufocando: saí de um baile às 3 horas da manhã. Estava só. Fazia muito calor. Eu estava precisando tomar um pouco de ar puro. Assim, segui, de carro, até a Avenida Niemeyer.

Fui seguindo. Em marcha reduzida.

O ar puro era uma delícia.

Quando dei por mim estava no Recreio dos Bandeirantes.

Continhei a seguir em frente. Sem vontade de voltar.

Até raciocinei: — "Volto por Jacarepaguá".

O rádinho do carro estava ligado.

Uma cantora americana que não me lembro o nome cantava "Free Again" sem a categoria da nossa Leny Eversong — que é sensacional.

De repente, o rádio começou a estalar paca.

Estranhiei.

Não havia prédios em volta. Eu não entrara em nenhum túnel.

Torci o botão. Nada. Ficou pior.

De repente, que susto!

Um clarão alaranjado acontecia a uns 20 metros ou 30 das águas. Instintivamente, parei o carro. Mais de medo — confesso — do que de outra coisa.

ERA UM DISCO!

Sem poder sair do lugar, pernas tremendo, não pude tirar os olhos da nave, que girava girava, girava, envolta na tal luz alaranjada.

— Será que estão me observando?

Fui tomada de um medo pânico. Tentei engrenar uma "primeira" e deixar o local o mais depressa possível.

A estrada estava deserta. Seriam umas quatro horas.

Toda atrapalhada, não consegui "engatar" o ráio da "marcha".

Olho no aparelho, este começou a girar mais rapidamente.

A luz alaranjada se intensificou. Eu tinha a impressão que o meu rosto se acendia e se apagava.

Rezei, então.

Algo dentro de mim me dizia que eu não viveria mais para contar o que vira.

Mas, felizmente, o aparelho girou com incrível velocidade e subiu vertiginosamente em sentido vertical, para desaparecer lá nos confins do céu.

O rádinho do carro voltou ao normal.

O locutor fazia um anúncio de uma camisaria.

Pude então "engrenar" a marcha, fiz meia volta e voltei pra casa, com aquela visão dentro de mim, segredo que vinha mantendo até entem, para não passar por maluca.

Mas, sinceramente, não agüentei mais.

Ou contava ou, em verdade, acabava perdendo o juízo.

Quem quiser acreditar, que acredite.

Não faço questão.

O importante, pra mim, é a minha verdade.

Os discos existem.

**EU VI UM DELES NO RECREIO DOS BANDEIRANTES.**

E, de tanto medo, quase tive um filho sem estar grávida!